

# O NOTICIÁRIO E A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE UMA GENTE: O DISCURSO ENVIESADO DA MÍDIA LOCAL SOBRE O BAIRRO INTERLAGOS

---

Talita de Kássia da Silva FERRAZ  
Comunicação Social – Jornalismo – Faculdade Assis Gurgacz  
(FAG). E-MAIL: [taalitaferraz@gmail.com](mailto:taalitaferraz@gmail.com)

Claudemir HAUPTMANN  
Professor orientador. E-MAIL: [cchauptmann@fag.edu.br](mailto:cchauptmann@fag.edu.br)

---

FERRAZ, Talita de K. S. *O noticiário e a construção identitária de uma gente: o discurso enviesado da mídia local sobre o bairro Interlagos*. In: **Revista Advérbio**, V.10, N. 21, 2015, p. 171-195.

**RESUMO:** Há muitos anos criou-se em Cascavel uma imagem negativa sobre a região Norte da cidade, onde estão localizados dezenas de bairros populares que, juntos, tem mais moradores que muitas cidades da região Oeste do Paraná. Um dos bairros mais tradicionais é o Interlagos, muito frequentemente associado à ideia de um lugar violento e pobre. A maior violência que vitima o bairro, no entanto, está no discurso midiático, que ao insistir em abordagens enviesadas sobre o bairro, fabrica uma imagem negativa sobre o local, obviamente, estereotipada. Para tentar se livrar da imagem de violento, a comunidade já pensou até mesmo em mudar o nome. A partir de alguns dos principais conceitos dos Estudos Críticos do Discurso (ECDs), de Van Dijk, é possível perceber como a imagem foi construída por um noticiário frágil e distorcido, que basicamente reproduz a voz das elites dominantes em detrimento dos anseios da comunidade dominada. Nesse trabalho, analisa-se um acervo com mais de 100 recortes de jornais que a própria comunidade colecionou ao longo da década de 1990. Entre o final daquela década e o dias atuais, pouca coisa mudou no discurso jornalístico sobre o bairro. Os jornais se reposicionaram no mercado e dão menos notícias sobre o Interlagos, mas o tema violência ainda predomina. O jornalismo que retrata o bairro continua a silenciar a comunidade e falar dela pelo viés das elites dominantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade cultural, estudos críticos do discurso, abuso de poder.

## 1 INTRODUÇÃO

O jornalismo, entendido como uma prática de contar histórias faz a mediação entre as sociedades e suas partes, a partir dos fatos e acontecimentos de interesse público. Em sua rotina mais primária, interpreta o mundo alcançável, enquadra-o e o noticia através de um dizer particular. Em função disso, assume papel central na sociedade da informação, sendo um dos protagonistas nas etapas de produção, distribuição e consumo/reprodução de conceitos, ideias, informações. Logo, pode-se vê-lo como um dos mecanismos de ajuste social, de violência simbólica, enfim, um dos meios de poder e de dominação, conforme já suspeitavam os pesquisadores da Escola de Frankfurt, no início do século passado (MATTEIART, 2000).

A comunicação muda o homem a cada ato, levando até ele informações que reforçam ou pressionam suas crenças, valores, conhecimentos. Enfim, a comunicação altera o repertório utilizado pelo homem para perceber, interpretar e significar o mundo à sua volta. Bordenave (2002) diz que a comunicação, entendida “como um processo, uma arte, uma tecnologia e uma ciência social”, pode ser entendida como um instrumento de legitimação de estruturas sociais ou a força que os contesta e transforma. “A comunicação excita, ensina, vende, distrai, entusiasma, dá status, constrói mitos, destrói reputações, orienta, desorienta, faz rir, faz chorar, inspira, narcotiza, reduz a solidão e num paradoxo digno de sua infinita versatilidade, produz até incomunicação” (BORDENAVE, 2002, p. 11). Para o autor, comunicação é um processo através

do qual circulam informação, decisões e diretivas, levando conhecimentos que vão alterar ou formar opiniões e atitudes. Ou seja, é através da comunicação que o homem se relaciona com a realidade à sua volta e a partir dessas relações constrói, fixa, muda sua identidade. A personalidade e a identidade são um produto social. Logo, o jornalismo, como uma das atividades mais consagradas da comunicação social, é determinante também na construção de identidades, na mediação do sujeito com o mundo à sua volta.

À mercê do tempo, das questões ideológicas do veículo que representa, do agendamento de notícias e da crise de encargos nas redações, os profissionais da informação fazem parte da construção diária da identidade cultural das comunidades.

A partir dessas premissas iniciais, o presente trabalho aborda a construção da identidade do bairro Interlagos, localizado na região Norte de Cascavel, a partir do noticiário que lhe é reservado pelos jornais locais. Fundado em 1976, pelo então prefeito, Pedro Muffato, um entusiasta das corridas de automóveis e piloto. A paixão do gestor não só determinou o nome do bairro, mas também o de boa parte das ruas do bairro, que levam o nome de autódromos de todo o mundo. Assim, temos ali ruas como a Kyalami, autódromo localizado a norte de Johannesburg, na África do Sul; a Watkins Glen, autódromo localizado próximo ao estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos; a Le Mans, autódromo localizado na França e a Anderstorp, cidade no sudoeste da Suécia.

Em 1976 o bairro não tinha nenhuma infraestrutura. Em 1980 os moradores formaram uma Associação de Moradores. A fim de desenvolver um trabalho sobre a construção da imagem do bairro pela mídia local, entre 1993 a 1999, a Associação de Moradores reuniu um acervo de recortes de jornais com notícias sobre o bairro, entretanto o material ficou em desuso por falta de interessados. Durante estágio de dois anos no bairro como estagiária de jornalismo no Centro da Juventude, tive acesso ao acervo e deparei-me com uma comunidade consolidada e marcada por uma história de lutas. Ao tomar consciência do material buscamos a Associação no final do ano de 2014 para uma parceria com o propósito de dar continuidade a este estudo sobre a comunidade e sua real identidade na mídia cascavelense.

Este trabalho analisa os recortes para verificar se o bairro Interlagos é ou não retratado por alguns veículos de comunicação de forma tendenciosa. As notícias locais sobre a criminalidade e violência no bairro podem ter criado um preconceito social contra a região e os moradores? Busca-se aqui verificar se os relatos da imprensa são prejudiciais para a identidade do bairro. A ideia é verificar se o discurso veiculado pelos jornais impressos se reproduziu, até mesmo nos próprios moradores, consolidando uma identidade cultural diferente daquela que

realmente se pode encontrar na história da comunidade. Este trabalho visa a responder as seguintes perguntas: As notícias veiculadas nos jornais O Paraná e Gazeta do Paraná de Cascavel, sobre o bairro Interlagos, contribuíram para a construção de uma identidade estereotipada sobre o bairro e moradores? A identidade cultural preconcebida do bairro Interlagos, relacionada à violência e à criminalidade, pode ter sido agravada pela angulação das notícias veiculadas nos jornais?

Os meios de comunicação se tornam alicerce na construção da identidade de uma comunidade. Além de organizadores, exercem o papel de memória social, narram os fatos que construirão a imagem positiva ou até mesmo negativa de determinada região. Neste caso, os meios de comunicação são designadores da identidade de uma comunidade e o discurso abordado pela mídia sobre o bairro Interlagos gera um efeito de identificação e reprodução nos moradores e no público leitor dos jornais.

Os meios de comunicação fazem parte do contexto social de uma comunidade e são os principais responsáveis pela construção de sua identidade, em vista que os mesmos funcionam como organizadores e reprodutores das diversas vozes existentes. Isto posto, a intenção ao analisar este material é identificar possíveis ou eventuais marcadores de abuso de poder por parte da imprensa ou mesmo perceber a construção de estereótipos que contribuam para o assujeitamento, nos termos dos Estudos Críticos do Discurso e seus principais conceitos, encontrados em Van Dijk.

A ideia, com o trabalho, é mostrar o efeito do discurso jornalístico sobre uma comunidade para, de um lado, auxiliar os profissionais da área a rever suas rotinas e práticas cotidianas e, de outro, contribuir para uma leitura mais crítica do papel da imprensa por parte da população. Para tanto, pretende-se abordar a identidade cultural de uma comunidade e os sujeitos pertencentes a ela, levando-se em consideração seus traços subjetivos e suas particularidades. A pesquisa realizada aqui, portanto, é qualitativa, pois a realidade e o sujeito são elementos indissociáveis.

O encaminhamento metodológico terá como base os ECD (Estudos Críticos do Discurso) de Teun Van Dijk, aprofundando-se em questões estruturantes, como as noções de acesso, abuso de poder, dominação e poder, entre outras. Esta opção se justifica porque os ECD não buscam apenas uma ação descritiva e analítica. Os ECD permitem um maior envolvimento do pesquisador com o objeto de estudo, proporcionando uma maneira de elucidar as questões sociais envolvidas .

Enquanto procedimento, este trabalho realizar-se-á por meio de análise direta de reportagens publicadas pelos jornais O Paraná e Gazeta do Paraná, material este que foi catalogado e concedido pela Associação de Moradores do Bairro, relativo aos anos da década de 1990. Será feito um recorte aleatório das notícias publicadas no decorrer dos dez anos e comparadas com notícias atuais sobre a região. Verificando o discurso utilizado e as terminologias usadas pelos veículos de comunicação.

## 2 JORNALISMO PARA QUE E PARA QUEM?

A função social do jornalismo nunca foi tão comentada como nos últimos anos, quando começou a ganhar destaque o debate sobre as alternativas para a democratização dos meios e das informações. O grande desafio do jornalismo é assegurar o comprometimento com a sociedade e os seus valores democráticos. Contudo, há o questionamento se as demandas da sociedade estão sendo atendidas por esse jornalismo funcional. De acordo com Kovach e Rosenstiel (2003), os nove itens fundamentais para o exercício do bom jornalismo e que revelam a real essência do comunicador social são:

A primeira obrigação do jornalismo é a verdade. 2. Sua primeira lealdade é com os cidadãos. 3. Sua essência é a disciplina da verificação. 4. Seus profissionais devem ser independentes dos acontecimentos e das pessoas sobre as que informam. 5. Deve servir como um vigilante independente do poder. 6. Deve outorgar um lugar de respeito às críticas públicas e ao compromisso. 7. Tem de se esforçar para transformar o importante em algo interessante e oportuno. 8. Deve acompanhar as notícias tanto de forma exaustiva como proporcionada. 9. Seus profissionais devem ter direito de exercer o que lhes diz a consciência. (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003, p. 22-23).

Neste caso, o papel social do jornalismo não se restringe apenas ao relato de fatos, mas um construtor da realidade. Cremilda Medina (1982) reflete que “o papel social que está investido, é estabelecer pontes na realidade dividida, estratificada em grupos de interesse, classes sociais, estratos culturais e faixas até mesmo etárias.” (MEDINA, 1982, p. 22).

Os efeitos sociais dessa construção diária, deveriam levar a um jornalismo que tenta um “maior número possível de versões, na busca incessante de uma verdade inatingível, na solidariedade aberta a todos que tenham alguma coisa a falar” (MEDINA, 1982, p. 23).

O jornalismo não é um espelho da realidade, mas ao construir a realidade e diariamente produzir identidades culturais, retrata o que as classes dominantes buscam noticiar. O efeito

social gerado provoca o assujeitamento e a identificação dos receptores. Nada mais do que um silenciamento e uma reprodução do que é dito.

Segundo Traquina (2004), duas teorias, a estruturalista e a interacionista, partilham o paradigma das notícias como construção social. “Para ambas as teorias, as notícias são o resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional dentro e fora da organização” (TRAQUINA, 2004, p. 173).

Ainda segundo Traquina (1993), o jornalismo utiliza formas literárias e narrativas para organizar um acontecimento através de frases feitas e imagens. “Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia também cria o acontecimento” (TRAQUINA, 1993, p. 168)

As notícias criam um imaginário social e os discursos são "práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam" (FOUCAULT, 1995, p. 56). Se uma notícia retrata um bairro como um lugar pobre, violento e perigoso, seu caráter axiomático irá provocar esse entendimento social como efeito do conteúdo jornalístico.

### 3 JORNALISMO E A CONFORMIDADE SOCIAL

Ao trazer informações do cotidiano, o jornalismo acaba determinando o que é importante, quem são as pessoas de destaque, quem é classe média, quem é pobre, o que é política ou cultura. O jornalismo cria, portanto, uma conformidade social e gera um pensamento hegemônico, geralmente pautado pelas elites dominantes, que tem acesso facilitado e poder sobre a estrutura jornalística entendida como negócio. Essa hegemonia, para Gramsci (2000), vai muito além do uso da força física. Trata-se de uma força moral e intelectual, refere-se aos interesses de um grupo sobre outro grupo.

O fato da hegemonia pressupõe indubitavelmente que sejam levados em conta os interesses e as tendências dos grupos sobre os quais a hegemonia será exercida, que se forme um certo equilíbrio de compromisso, isto é, que o grupo dirigente faça sacrifícios de ordem econômico-corporativa; mas também é indubitável que tais sacrifícios e tal compromisso não podem envolver o essencial, dado que, se a hegemonia é ético-política, não pode deixar de ser também econômica, não pode deixar de ter seu fundamento na função decisiva que o grupo dirigente exerce no núcleo decisivo da atividade econômica (GRAMSCI, 2000, p. 48).

Esses grupos dominantes assumem o papel de organizadores sociais, enquanto os subalternos acabam por não ter posição crítica, ou de resistência.

Os grupos subalternos sofrem sempre a iniciativa dos grupos dominantes, mesmo quando se rebelam e insurgem: só a vitória 'permanente' rompe, e não imediatamente, a subordinação. Na realidade, mesmo quando parecem vitoriosos, os grupos subalternos estão apenas em estado de defesa ou de alerta. (GRAMSCI, 2002, p. 135).

Conforme Mattelart (2005) na sociedade pós - moderna “em toda multidão, há condutores e conduzidos, hipnotizadores e hipnotizados. Só a sugestão explica como os segundos passam a seguir cegamente os primeiros” (MATTELART, 2005, p. 24). Para que ocorra um rompimento deste ciclo de dominação é necessário um pensamento de coletividade social, no caso da comunidade aqui analisada se faz primordial um resgate da identidade comunitária, uma vez que,

Toda a revolução foi precedida de um intenso trabalho de crítica, de penetração cultural, de permeação de ideias através de agregados, de homens antes refratários e preocupados em resolver dia a dia, hora a hora os problemas individuais, dissociados dos outros que se encontravam na mesma situação (GRAMSCI, 2002, p. 59).

Nos Estudos Críticos do Discurso (ECD) de Teun Van Dijk, as pessoas que possuem o poder, neste caso os grupos dominantes, contribuem para uma forma de manipulação e desigualdade social através do poder no discurso, neste ponto o arquétipo é a mídia. Exemplo disso é como podemos identificar os critérios de seleção de notícias sobre o envolvimento de jovens com a criminalidade, e pouco ou nenhum espaço para notícias que abordam ações socioeducativas que poderiam amenizar o problema em questão. O controle discursivo leva a um controle mental. Discurso e comunicação, portanto, se tornam ferramentas de manipulação conforme Van Dijk.

Neste ciclo de dominação é gerado um mutismo<sup>1</sup> no qual os grupos dominados não possuem capacidade de resistência e acabam por consagrar uma conformidade em relação ao discurso, a imagem ou a identidade criada pela mídia sobre eles.

Essa conformidade pode ser gerada pela seguinte situação: “A opção pelo silêncio é causada pelo medo da solidão social, que se propaga em espiral e, algumas vezes, pode até esconder desejos de mudança presentes na maioria silenciosa. Ou seja, as pessoas não só são influenciadas pelo o que os outros dizem como também pelo que imaginam que eles poderiam dizer (PENA, 2005, p. 155).

---

<sup>1</sup> Para Freire “O mutismo não é propriamente a inexistência de respostas. É uma resposta que lhe falta um tenor profundamente crítico” (FREIRE, 2006a, p.77).

À vista disso, quanto mais um grupo não buscar o apoderamento do discurso por via de medo, ou conformismo, este estará à mercê da circunstância de oprimido.

Van Dijk (2008) mostra que é através dos estudos críticos do discurso que se torna possível compreender os recursos de dominação e controle, utilizados pelas classes dominantes, pois são elas que tem o controle social sobre o discurso público. Este controle social, conforme o autor, define quem pode falar, sobre o que e quando pode falar, calando assim os demais (dominados). Nos ECD considera-se que o poder das elites é um poder discursivo.

A base de poder de um grupo ou instituição, o acesso à comunicação e ao discurso público ou o controle exercido sobre esses elementos representam um importante recurso “simbólico”, como no caso do conhecimento e da informação. (VAN DIJK, 2008, p. 119).

Neste caso o poder moderno é o poder discursivo, consiste em controlar por meio de atos linguísticos as ações e opiniões alheias.

#### **4 JORNALISMO E A CRIAÇÃO DE UMA IDENTIDADE CULTURAL**

A identidade cultural vem sendo muito discutida na pós-modernidade, podendo ser construída através do tempo, da cultura, da globalização e dos meios de comunicação. Com participação efetiva, a mídia realiza o papel de organizadora e reprodutora das vozes sociais existentes. Segundo Castells (2001), “a identidade é a fonte de significado e experiência de um povo, um processo que envolve auto-construção e individuação, nunca estando totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido”. (CASTELLS, 2001 p. 24).

Para Muniz Sodré (1999), “dizer identidade humana é designar um complexo relacional que liga o sujeito a um quadro contínuo de referências, constituído pela interseção de sua história individual com a do grupo onde vive. Cada sujeito singular é parte de uma continuidade histórico-social, afetado pela integração num contexto global de carências (naturais, psicossociais) e de relações com os outros indivíduos, vivos e mortos. A identidade de alguém, de um si mesmo, é sempre dada pelo reconhecimento do “outro”, ou seja, a representação que o classifica socialmente”. (...) “é algo que se constrói, inventa-se, e sua vivência é alimentada pelos jogos existenciais e narrativos de uma comunidade, transmissíveis pelos usos capazes de configurar uma ética” (SODRÉ, 1999. p. 34). Neste projeto, as referências estão sendo dadas pelos jornais em seus noticiários sobre o bairro.



Os meios de comunicação agem como difusores dessa identidade cultural criada, agindo como catalisadores das vozes sociais acabam por dar maior ênfase às vozes das elites dominantes do que das classes dominadas. Assim, se tornam protagonistas de identidades e rótulos na sociedade. Segundo Canclini (1995), “os meios de comunicação se tornam organizadores dos relatos da identidade e do sentido de cidadania nas sociedades nacionais e os noticiários começaram a pôr em contato zonas distantes, assim como os filmes que ensinavam as massas”. (CANCLINI, 1995, p. 36). Neste caso, a elite tem muito mais acesso aos meios para fazer sua voz ser ouvida. E os dominados não tem o mesmo acesso, nem a mesma capacidade de “transitar” entre os veículos de comunicação, como as classes dominantes tem.

## **5 DISCURSO, ACESSO E REPRODUÇÃO DO PODER SOCIAL**

Exatamente por ter pouco acesso aos meios de comunicação, aos canais de expressão da voz, as classes dominadas acabam sendo silenciadas historicamente. E há o assujeitamento. Ou seja, o sujeito, percebendo-se incapaz de falar de suas necessidades, de seus pontos de vista, começa a ser calado. Depois de algum tempo ele mesmo começa a se censurar por começar a acreditar que sua natureza é aquela mesma, de alguém sem vez e sem voz. Pronto. Tornou-se presa fácil para o processo de dominação.

Nem todos têm igual acesso à mídia ou à fala e à escrita médicas, jurídicas, políticas, burocráticas ou acadêmicas. Assim, precisamos explorar as implicações de uma questão complexa: Quem pode falar e escrever para quem, sobre o que, quando e em que contexto, ou quem pode participar desses eventos comunicativos nos mais variados papéis de ouvintes. (VAN DIJK, 2008, p. 89).

Neste caso, a falta de acesso desses grupos dominados leva a uma reprodução do poder social que gera um abuso de poder e por consequência uma dominação social. Um exemplo é como os jornais reservam grandes espaços para as notícias que envolvem a criminalidade de uma determinada comunidade, utilizando-se de fontes oficiais como juízes, delegados e até mesmo políticos para comentarem sobre o assunto, excluindo assim a oportunidade dos moradores de falarem o que pensam sobre os acontecimentos do bairro. Para Van Dijk “o acesso das minorias à mídia de massa é uma condição crucial para sua participação na definição pública de sua situação”. (VAN DIJK, 2008, p.98).

Diante disso, que acesso ao discurso midiático possuem os moradores da comunidade citada?

O acesso diferenciado das elites majoritárias e das minorias à mídia previsivelmente resulta também em acessos diferenciados às estruturas das reportagens/matérias jornalísticas. A seleção e a proeminência dadas às questões e tópicos das notícias são aquelas estereotipadas e negativas, preferidas pelas elites brancas, política, corporativa, social e acadêmica e suas instituições. (VAN DIJK, 2008, p. 99).

Por isso a importância de rever a rotina jornalística diária, como forma de cobrar que os profissionais cessem o modelo de silenciamento das vozes hoje oprimidas pelo sistema dominante. Para os ECD de Van Dijk, o poder dos meios de comunicação é geralmente simbólico e persuasivo, no sentido de ter a possibilidade de controlar, em maior ou menor medida, a mente dos leitores. Assim, o controle sobre as ações não se exerce diretamente. O controle acaba acontecendo de maneira indireta controlando as falas, crenças ou opiniões.

Segundo Van Dijk (2008) O processo de reprodução do controle social é “dirigido por um sistema de valores e de ideologias profissionais sobre as notícias e sobre o que deve ou não ser notícia, algo que costuma direcionar o foco e o interesse (...)”. (VAN DIJK, 2008, p. 50). Um exemplo é a maneira e os termos que a imprensa se refere a reforma agrária, abordando sempre o termo “sem-terra” ao invés de trabalhadores rurais, enquanto os fazendeiros são sempre fazendeiros ou pecuaristas. Ou ainda, a utilização de termos como invasão ao adverso de ocupação para as ações do movimento.

## **6 ANÁLISE DAS NOTÍCIAS DOS JORNAIS O PARANÁ E GAZETA DO PARANÁ**

O jornal Gazeta do Paraná foi fundado em 1991, em Cascavel. Durante este tempo, além de notícias semanais, se destacou pelas editoriais de opinião. O Jornal o Paraná foi inaugurado em 1976.

Essa análise é feita a partir da coleção de conteúdos da Associação de moradores do bairro Interlagos. Vale ressaltar que o ato de reunir o material demonstra a preocupação do olhar da imprensa sobre o bairro, o olhar da própria comunidade na mídia e o olhar dos moradores sobre a imprensa local.

A análise foi dividida em três momentos, a partir de um universo de 158 matérias, do período de 1993 a 1999 dos jornais, consideradas e escolhidas de maneira aleatória. Primeiro foi observado, nessa amostra total, o número de vezes que palavras com acepção negativa ao bairro apareceram. Na sequência, foram selecionadas algumas matérias analisadas a luz da teoria de Van

Dijk. E por fim, foi realizado um contraponto com notícias atuais dos referidos jornais, para verificar se a imagem constatada na análise ainda perdura.

Quanto ao primeiro momento da análise, nas 158 matérias verificadas, a palavra **“criminalidade”**, por exemplo, apareceu 55 vezes nas matérias sobre o bairro.

No material analisado por 47 vezes a palavra **“violência”** se destaca junto ao nome do bairro. A palavra **“carente”** esteve veiculada ao nome do bairro Interlagos por 38 vezes. O termo **“perigoso”** foi utilizado 37 vezes para designar a comunidade. Já a expressão **“marginalizado”** sobressai nos textos por 23 vezes fazendo juízo ao bairro, enquanto, **“esquecido”** é apontado ao bairro por 14 vezes.

Nesse segundo momento da análise são analisadas algumas notícias, com intuito de identificar os conceitos da análise crítica do discurso de Van Dijk. Foram selecionadas dez matérias de forma aleatória. Conforme segue.

#### Notícia 1: **Interlagos: Esquecido e Marginalizado**



**FOTO:** Matéria publicada no jornal O Paraná no dia 10/11/1996

Na matéria analisada, a realidade socioeconômica do bairro é o tema abordado e a posição de carente do bairro é exposta durante todo o texto, entretanto, o assunto não é aprofundado por parte do jornalista. Apenas o presidente do bairro é tido como fonte oficial para falar sobre a situação da comunidade e não existe uma resposta por parte do poder público a respeito das condições de infraestrutura.

Na mesma matéria, um box intitulado **“Vandalismo tirou pediatra do bairro”**, como forma de justificativa para a falta de saúde no bairro, relata que o vandalismo teria sido o motivo da saída do pediatra da região, com a intenção de dizer que o próprio bairro é o culpado pela falta de pediatra no local. Van Dijk define isso como abuso de poder, a imprensa define qual é o assunto, escolhe quem fala e ainda direciona de que modo o assunto será divulgado.

A mídia neste caso, não faz comunicação social, apenas está emitindo um comunicado, só relata o bairro como esquecido e reforça a ideia de marginalizado, mas não busca soluções junto

ao poder público para os problemas. As vozes da comunidade são cada vez mais restringidas. Medina ajuda nessa reflexão aos jornalistas. “Os atuais meios de divulgação acentuam a incomunicação. (...). Estamos longe da rede de comunicação em que se resgate a presença da pessoa, se abram canais para os testemunhos anônimos. O diálogo é democrático; o monólogo é autoritário” (MEDINA, 2002, p.7).



FOTO: Box da matéria publicada no jornal o Paraná no dia 10/11/1996

## Notícia 2: Alcebíades viabiliza obras no Interlagos



FOTO: Matéria publicada no jornal Gazeta do Paraná no dia 19/09/1995

A notícia fala sobre as obras que o vereador Alcebíades Pereira da Silva (PDT), teria viabilizado para a comunidade do bairro Interlagos e que várias reivindicações dos moradores foram atendidas. Porém, em nenhum momento é citado quais eram as reivindicações da comunidade. A luta dos moradores não é contada.

Na matéria percebe-se que nenhum morador é ouvido como fonte. Considera-se que a notícia é sobre o bairro, mas não para o bairro. Van Dijk denomina isso como acesso e relações de poder. Só as elites simbólicas tem acesso ao discurso público, e este papel da imprensa de comunicar as obras conquistadas pelo vereador, não passa de relações de poder.

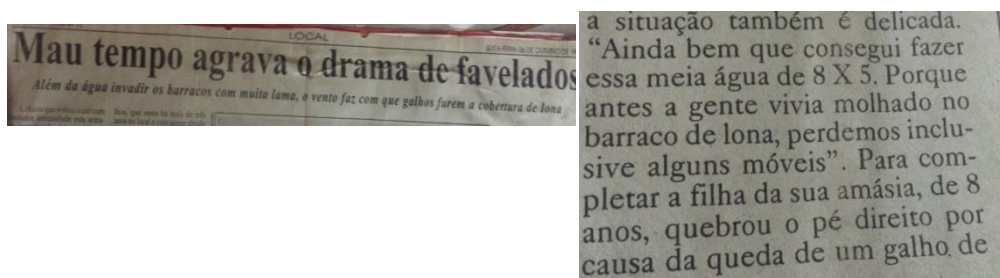
Muitos detentores de poder (bem como a sua fala) contam com uma cobertura rotineira da mídia jornalística, e, assim, o poder desses grupos pode ser confirmado e

legitimado de maneira ainda mais abrangente. Por meio do uso seletivo de fontes de informação, rotinas jornalísticas consagradas e seleção de assuntos para as histórias, a mídia jornalística decide quais atores serão representados na arena pública, o que será dito a respeito deles e, em especial, como será dito. (VAN DIJK, 2008, p. 74).

Para Van Dijk (2008) o poder social, ou seja, o poder que exercem grupos e instituições como políticos, juízes, delegados e a própria mídia, reflete o poder que deriva de sua condição de membro de grupos dominantes ou da posição social que ocupa.

O poder social é baseado no acesso especial a tais meios, exemplos: Aos veículos de comunicação, o uso da força, a riqueza, o discurso da educação ou até uma posição social privilegiada. Logo quando se possui o domínio acaba-se por proibir ou limitar a igualdade de acesso das minorias.

### Notícia 3: **Mau tempo agrava o drama de favelados**



**FOTOS:** Matéria publicada no jornal O Paraná no dia 06/10/1995

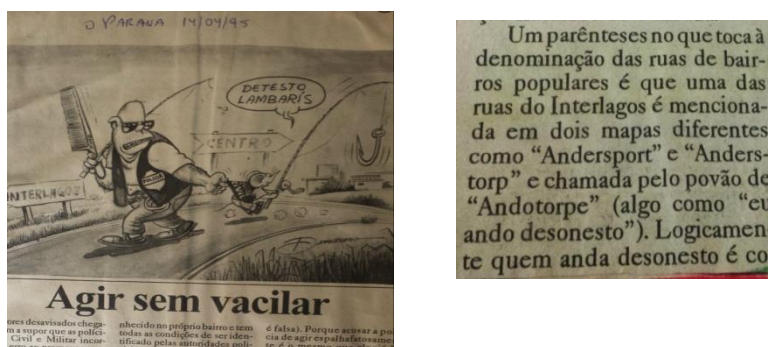
Nesta matéria, o texto fala sobre as condições de moradia dos moradores em dias de chuva. A análise se destaca para o tratamento dado pelo jornalista para a mulher companheira do morador entrevistado. Seu nome não é citado e ela é tratada no texto apenas como “amásia” (amante) do homem. Vale a reflexão de que o tratamento poderia ser outro se se tratasse da companheira de um empresário ou político. Para Van Dijk (2008), frequentemente, os meios de comunicação são utilizados para legitimar o interesse dos dominantes em sustentar estereótipos.

A escolha léxica e o uso de pronomes identificatórios e demonstrativos também sugerem distância social: “eles”, “ela” “aquelas pessoas”. Dessa forma, a fala cotidiana dos membros dos grupos dominantes reproduz tais preconceitos dentro de um grupo

interno, enquanto, ao mesmo tempo, confirma verbalmente não só o pertencimento ao grupo, mas também suas normas e seus valores que, por sua vez, são relevantes para a manutenção do poder. (VAN DIJK, 2008, p. 63).

Percebe-se uma humilhação verbal em relação à companheira do morador por conta de sua posição em um grupo minoritário, sem voz e vez.

#### Notícia 4: **Agir sem vacilar**

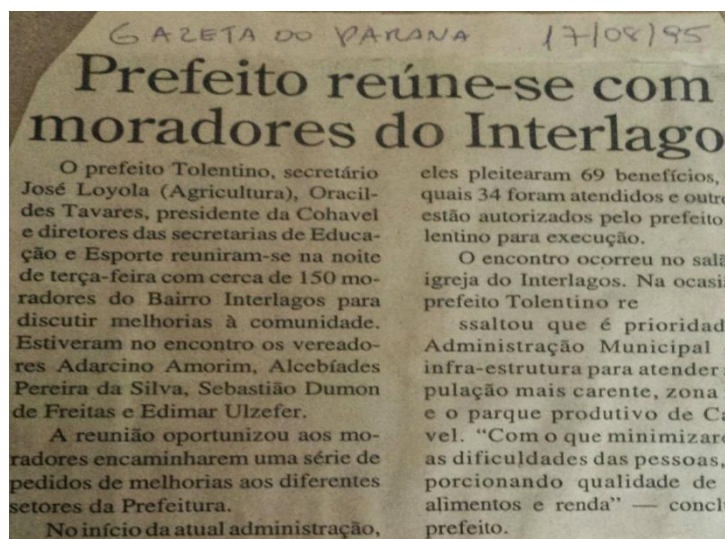


**FOTO:** Matéria publicada no jornal O Paraná no dia 14/04/1995

O trecho analisado, aborda como os moradores teriam dificuldade para falar alguns nomes de ruas do bairro. O jornalista faz alusão a uma rua chamada Andersport e descreve como o “povão”, referindo-se aos moradores, faz confusão com a pronúncia. Segundo a nota, as pessoas pronunciam “Andotorpe” e o jornalista ainda vai mais longe e tenta “traduzir” o significado, lembrando que “torpe” significa desonesto, numa espécie de ilação ao comportamento dos moradores.

Através desta versão pessoal do jornalista, que não vai ao encontro com o conteúdo da matéria, percebe-se subliminarmente a confissão de um preconceito disfarçado. O automatismo dos hábitos jornalísticos, talvez de uma forma inconsciente, acaba por expor uma situação de forma desnecessária. A repercussão de matérias como esta tende a construir um imaginário social, neste caso sobre a índole dos moradores do bairro Interlagos.

Notícia 5: **Prefeito reúne-se com moradores do Interlagos**



**FOTO:** Matéria publicada no jornal Gazeta do Paraná no dia 17/08/1995

Na notícia analisada, o prefeito se reuniu com moradores para discutir melhorias para a comunidade. A matéria aborda que os moradores tiveram a oportunidade de encaminhar pedidos de melhorias para diversos setores da Prefeitura. Entretanto, nenhuma obra solicitada foi citada na matéria. Se as obras são para o bairro por que nenhum morador foi entrevistado? Os moradores não são ouvidos. Vereadores são citados na matéria, porém não se justifica a presença deles na notícia. Percebe-se uma típica notícia a serviço dos governantes e não da comunidade.

Essas relações de poder para Van Dijk, acontecem pelo discurso e seu viés cognitivo, o qual permite compreender que “o discurso é, antes de mais nada, um dos principais meios, uma das principais condições das ‘mentes’ que os membros sociais têm em comum” (VAN DIJK, 2008, p. 123). Ou seja, o modo como o discurso é constituído pela mídia e como ele circula na sociedade é fundamental para compreender como as relações de poder e de manipulação operam socialmente reforçando ideologias dominantes.



## Notícia 6: Aciso (Ação Cívico Social)



FOTO: Matéria divulgada no jornal Gazeta do Paraná no dia 26/08/95



FOTO: Matérias divulgadas no jornal O Paraná nos dias 26/08/95 e 22/08/95

Vale destacar que a história da comunidade do Interlagos, foi marcada pelos Acisos, ações pontuais de assistencialismo da Prefeitura em conjunto com o Exército. Nota-se, no entanto, que essas ações desenvolvidas pelo Exército, são ações que já deveriam ter sido executadas normalmente como parte das responsabilidades do poder público, a construção de meio-fio, passarelas, pinturas em creche, operações tapa buracos, consultas médicas, emissões de documentos. Vale lembrar, que esses problemas atendidos pelo Aciso não são problemas novos. Na verdade, essas ações cobrem falhas que se acumularam pela ausência do poder público na região ao longo de anos, mas em momento algum os jornais mostram isso nas notícias. Os jornais, ao divulgar as notícias, criam uma ideia de que estaria sendo feito algo a mais para o bairro. Os jornais eram ao não mencionar que a ação é um preenchimento de lacunas que já existiam e foram se acumulando com os anos de descaso do poder público em relação às necessidades mais básicas daquela comunidade. A reprodução feita por parte da mídia é só da voz do dominantes (Prefeitura e Exército).



Neste caso, o problema não se encontra em noticiar fatos como os Acisos que aconteceram no bairro, mas sim em como noticiar. O bairro não é carente por incompetência própria. É carente por não contar com estrutura mínima necessária, decorrente da ausência do poder público ao longo dos anos. Cada vez que a comunidade é apresentada como carente e alvo de assistencialismo a imprensa contribui para a criação de uma imagem distorcida, perdendo a oportunidade de discutir nos meios as questões sociais do bairro.

### Notícia 7: Números apontam bairro Interlagos em primeiro



**FOTO:** Matéria publicada no jornal O Paraná no dia 13/07/1999

Nesta matéria destaca-se o título, que aborda o bairro Interlagos em primeiro lugar nas ocorrências policiais de Cascavel. No texto ainda é dito que a Associação de Moradores havia redigido uma carta aberta à imprensa dizendo que os moradores estavam indignados com as notícias policiais publicadas nos últimos dias referentes ao bairro. Porém, a carta não é divulgada em nenhum dos jornais analisados.

Pior é o abuso de poder da imprensa quando percebe-se a distorção dos fatos. O box da matéria traz os números de ocorrências registradas no 1º semestre do ano de 1999, entretanto, em primeiro lugar a região que aparece na tabela, ao contrário do título da matéria, não é o Interlagos e sim a região do Centro, que registrou quase seis vezes mais ocorrências que o bairro em questão. Conforme imagem a seguir:

NÚMERO DE OCORRÊNCIAS REGISTRADAS DURANTE O 1º SEMESTRE DE 99								
LOCAL	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	TOTAL	%
Centro	309	180	284	331	251	235	1590	29,75
Interlagos	54	21	62	60	58	57	312	5,84
S. Cristóvão	45	19	71	66	57	39	297	5,56
Floresta	53	17	60	57	54	44	285	5,33
P. S. Paulo	41	20	43	38	29	35	208	3,85
Sts. Cruz	29	21	29	43	38	32	182	3,41
Universitário	35	14	32	33	28	27	169	3,16
A. Alegre	26	16	31	33	29	31	166	3,12
Neva	32	15	21	35	23	22	149	2,79
Morumbi	16	8	29	39	27	22	141	2,64
Coqueiral	31	13	17	27	24	14	128	2,39
Periolo	30	13	22	29	17	17	128	2,39
C. Velho	27	7	25	27	24	14	124	2,32
Guarijá	33	12	19	23	25	10	122	2,10
Claudete	17	10	18	22	22	16	105	1,96
Cataratas	9	9	23	21	2	10	9	1,85
Tropical	25	9	15	15	18	9	98	1,83
Sto. Onofre	10	7	21	24	16	17	95	1,78
Brasmadeira	24	3	13	24	16	13	93	1,74
Maria Luiza	31	5	18	14	10	14	92	1,72
Country	7	4	14	14	13	9	70	1,31
XV Novembro	9	7	12	12	6	11	57	1,07
Brasília	12	5	9	11	14	13	12	0,22
Lago	9	7	12	12	6	11	57	1,07
P. Verde	10	2	7	13	9	2	43	0,80
Pacaembu	5	4	7	11	9	7	43	0,80
Presidente	4	2	8	16	8	3	41	0,77
P. Catarinense	6	3	13	6	6	4	38	0,71
S. Dumont	5	1	9	12	6	5	3	320,60
Gramado	10	5	3	1	10	4	29	0,54
Ciro Nardi	1	3	2	5	1	0	17	0,32
Esmeraldas	2	2	1	1	1	0	7	0,13
Independência	0	0	1	0	0	1	2	0,04
<b>Total</b>							<b>5345</b>	<b>100%</b>

FOTO: Box da matéria publicada no jornal O Paraná no dia 13/07/1999

O jornal desconsidera o Centro como bairro e menospreza as 1590 ocorrências registradas, direcionando o olhar da matéria para o bairro Interlagos, que aparece em segundo lugar com números muito próximos do terceiro bairro divulgado. Em 1999 nas imediações do bairro Interlagos, existia cerca de 17 bairros, que contabilizavam as ocorrências policiais apenas para a comunidade analisada.

Van Dijk explica que é nas relações de poder que o discurso é constituído, de modo que, muitas vezes, ele sirva como sustentação das ideologias dominantes, no caso da notícia analisada, de que o bairro é o mais perigoso da cidade. Para Van Dijk, são as “dimensões de poder que são diretamente relevantes ao estudo do uso linguístico, do discurso e da comunicação” (VAN DIJK, 2008, p. 9). A manipulação, nesse sentido, se concretiza via discurso midiático.

#### Notícia 8: Interlagos quer mudar de nome para fugir da discriminação



FOTO: Matéria publicada no jornal Gazeta do Paraná no dia 07/03/1999

A notícia divulgada pelo jornal Gazeta do Paraná, aborda que a Associação de Moradores iria lançar um plebiscito sobre a mudança do nome do bairro para “fugir” da discriminação que estava prejudicando os moradores. Esse preconceito criado por parte da mídia dominante se reproduziu nos próprios moradores que, em determinado momento, chegaram a acreditar que mudar o nome do bairro iria desvincular a imagem da comunidade com o preconceito existente.

Nos termos de Van Dijk, o preconceito criado contra o bairro Interlagos é resultado de um poder simbólico dos meios de comunicação, ou seja, é por meio do discurso midiático que as elites controlam o discurso público em todas as suas dimensões. Esse controle social do discurso público mostra “como as ideologias são reproduzidas e como as pessoas podem agir, de seu próprio livre-arbítrio, no interesse dos que estão no poder” (VAN DIJK, 2008, p. 24).

O autor ainda lembra que a estrutura social do discurso (quem fala, onde fala, sobre o que fala), reflete na interpretação que os sujeitos fazem dos acontecimentos sociais. “É essa (subjetiva) representação, esses modelos mentais de eventos específicos, esse conhecimento, essas atitudes e ideologias que, no fim, influenciam os discursos e outras práticas sociais das pessoas” (VAN DIJK, 2008, p. 26). Neste caso, os jornais mantêm a imagem do bairro de violento e carente com o propósito de controlar a produção e o acesso ao discurso público em benefício dos grupos dominantes. Conforme as imagens a seguir.



**FOTO:** Charge fazendo referência a mudança de nome do bairro, publicada no jornal O Paraná no dia 26/01/1999



FOTO: Charge fazendo referência a fama do bairro, publicada no jornal O Paraná no dia 02/01/1999

### Notícia 9: Incêndio no bairro sem lei intriga a polícia



FOTO: Matéria publicada no jornal Gazeta do Paraná no dia 21/02/1999

Novamente o abuso de poder por parte da mídia, pode ser notado na matéria que o jornal Gazeta do Paraná veiculou a respeito de um incêndio no bairro Interlagos. O título da notícia se refere ao bairro como um bairro sem lei. No início da matéria o jornalista reforça que o Interlagos é considerado o bairro mais violento e inseguro de Cascavel. A matéria aborda ainda que, segundo números preliminares da PM (Polícia Militar), a violência no bairro estaria tomando proporções assustadoras e que a questão chamou a atenção até do prefeito, que pediu mais rigor da PM ao agir na área.

Ao ler a notícia o leitor até poderia se esquecer que o assunto inicial era um incêndio no bairro. Ao se referir ao incêndio, o jornalista direciona o discurso com a frase: “Na manhã de



ontem mais um registro de violência”. Notícias como essa reforçam a imagem de que o bairro vive em uma zona de guerra. Para Van Dijk, são pelos discursos que se naturalizam as desigualdades promovendo a discriminação de grupos marginalizados, em tal caso, o bairro Interlagos. “É crucial para aqueles que estão no poder controlar o discurso em primeiro lugar” (VAN DIJK, 2008, p. 18). O abuso de poder derivado de tais relações de poder e de dominação, legitimam socialmente o preconceito criado contra a comunidade do Interlagos.

### Notícia 10: O que falta no seu bairro?



*Moradores do Interlagos, em Cascavel, entrevistados pela equipe de reportagem de O Paraná, falam dos principais problemas do bairro e das necessidades mais urgentes da localidade. Os principais problemas apontados pela população são a falta de segurança, falta de pavimentação asfáltica e “péssimo” atendimento no Posto de Saúde. Mas, entre todas as reclamações a que ganhou maior destaque foi a ausência de vigilância policial na ruas do bairro, pois a localidade está virando um verdadeiro cenário de “bang-bang”.*

**FOTO:** Matéria publicada no jornal O Paraná no dia 20/12/1998

Na matéria analisada, verifica-se o que Van Dijk cita como reprodução do poder social. Os moradores entrevistados falam da violência que os amedrontam e da falta de policiamento no bairro. Porém a notícia não possui mais informações ou dados sobre o assunto, muito menos comenta que a falta de policiamento no bairro é uma medida a ser resolvida por parte do poder público, apenas traz as opiniões que são expressões das percepções da comunidade. Os moradores apenas reproduzem o que jornais relatam todos os dias.

Num terceiro momento da análise, foram analisadas as publicações dos jornais durante todo o mês de maio de 2015, em busca de notícias referentes ao bairro. Notou-se que o bairro apareceu em apenas duas matérias, ambas no espaço policial. Conforme imagens a seguir:



**FOTO:** Matéria publicada no jornal Gazeta do Paraná no dia 19/05/2015



**FOTO:** Matéria publicada no jornal Gazeta do Paraná no dia 20/05/2015

Identifica-se que os jornais O Paraná e Gazeta do Paraná, durante o decorrer dos anos, mudaram seu foco do noticiário por questões estratégicas de mercado. Buscaram apresentar notícias estaduais e nacionais e raramente se vê informações sobre os bairros de Cascavel, exceto em casos de ocorrências policiais ou extraordinárias. Ao longo da década de 1990, os jornais tinham um foco local para o noticiário, dando muito mais espaços para os bairros.

Percebe-se que mesmo após vinte anos se passando, os jornais continuam sua memória social, reafirmando a imagem estereotipada do bairro por meio de notícias nas sessões de polícia ou apenas não noticiando nada, deixando o bairro no esquecimento, como se a comunidade fosse desprovida de fatos e acontecimentos positivos.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista dos argumentos apresentados, no início deste trabalho levantou-se alguns questionamentos quanto a identidade cultural do bairro Interlagos. Através dos conceitos de poder, abuso de poder e dominação dos Estudos Críticos do Discurso de Teun Van Dijk, buscou-se verificar se os jornais O Paraná e Gazeta do Paraná, contribuíram para a construção de uma imagem pejorativa e tendenciosa da comunidade analisada.

Por meio de algumas premissas percebeu-se uma necessidade de os profissionais da comunicação refletirem e discutirem sobre a função social da comunicação e os efeitos do jornalismo diário na construção de identidades culturais.

Identificou-se neste trabalho, que entre os efeitos causados pela mídia dominante na sociedade atual, está o predomínio dos discursos oficiais, o mutismo social e por um jornalismo sem nexos com causas e consequências em torno dos fatos e acontecimentos de real interesse social.

Percebe-se que esses efeitos da identidade cultural do bairro, construída pelos jornais, deixou marcas na comunidade. Exemplo disso é a matéria publicada no jornal Gazeta do Paraná no dia 22 de fevereiro de 1999, que noticia uma vítima do preconceito social criado contra os moradores do bairro Interlagos. A notícia, a partir de informações de uma mulher moradora do bairro relata que sua filha, uma estudante de 17 anos, não havia conseguido uma vaga de emprego no centro da cidade por dizer, durante a entrevista de emprego, que residia no bairro Interlagos. A matéria ainda cita que não foi o primeiro caso e que os moradores sofriam diariamente com o estigma da violência. Entretanto, novamente, o jornalista não busca ou questiona soluções para o problema e outra vez o bairro é marcado pelo preconceito.

De outro lado, ainda convém lembrar que é necessário que a comunidade promova debates sobre tais efeitos, buscando criticidade em relação às notícias divulgadas sobre o bairro. O ideal para a comunidade seria a criação de meios alternativos de comunicação comunitária que promovam o protagonismo dos moradores frente aos fatos e acontecimentos do bairro.

Por meio desta análise percebe-se que o jornalismo deve ser foco constante de debates nas universidades, devido o seu poder de memória social. De fato, a prática social de se fazer comunicação deve ser alvo de estudos constantemente, bem como os efeitos causados por ela nas comunidades noticiadas.

Nessa ótica, conclui-se que olhar para o discurso midiático e entendê-lo como uma prática social que materializa relações ideológicas e hegemônicas das elites simbólicas, é fundamental para a desnaturalização de identidades culturais estereotipadas criadas por meio das relações sociais de poder.

O profissional de jornalismo deve-se atentar que o discurso veiculado, muitas vezes, demonstra uma aparente igualdade entre as diversas classes sociais, aumentando a distância entre o que preconiza a função social idealizada.

A partir de premissas estruturantes dos conceitos de comunicação social, os profissionais da área precisam exercer uma constante vigilância quanto as suas responsabilidades

em relação à sociedade, em função das noções de poder e dominação. Afinal, a comunicação, como ferramenta básica da sociedade da informação, muda o homem a cada ato, levando até ele informações que reforçam ou pressionam suas crenças, valores, conhecimentos. Enfim, a comunicação altera o repertório utilizado pelo homem para perceber, interpretar e significar o mundo à sua volta, daí a importância de o jornalismo cuidar mais do aspecto plural dos conteúdos a cada notícia produzida. Ora, se admitimos que é a partir de crenças, valores, conhecimentos e percepções que o homem orienta seu pensamento e suas ações, então, influenciar esse repertório é determinante nas relações de poder e dominação numa sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORDENAVE, Juan E. Diaz. **Além dos meios e mensagens**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- GARCÍA-CANLCINI, Néstor. **Consumidores e Cidadãos – conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere - Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Cadernos do cárcere**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002 .
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- KOVACH, Bill e Rosenstiel, Tom. **Os Elementos do Jornalismo - O que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração, 2003.
- MATTELART, Michèle e Armand. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2005.
- \_\_\_\_\_. **A globalização da comunicação**. Pelegrin. Bauru, SP: EDUSC, 2000.
- MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista: responsabilidade social**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Entrevista – O Diálogo Possível**. São Paulo: Ática, 2002.
- Muniz Sodré. **Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.



PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

VAN DIJK, Teun. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Veja, 1993.

\_\_\_\_\_. Teorias do jornalismo: **A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. v. II. Florianópolis: Insular, 2004.